



MEIRILANE SOUSA PASTOR

A INTENÇÃO MORAL NA LITERATURA DITA INFANTIL NA ESCOLA E ANÁLISE DOS CONTOS “MUTIPI” E “REIS DE CHIFRE”.

REDENÇÃO-CE

2014

MEIRILANE SOUSA PASTOR

A INTENÇÃO MORAL NA LITERATURA DITA INFANTIL NA ESCOLA E ANÁLISE DOS CONTOS “MUTUPI” E “REIS DE CHIFRE”.

Monografia apresentada ao curso Bacharelado em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito para obtenção de certificado de graduação em Bacharel em Humanidades.

REDENÇÃO-CE

2014

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira

**Diretoria do Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)
Biblioteca Setorial Campus Liberdade - BSCL
Catalogação na fonte**

Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219

P327i Pastor, Meirilane Sousa.

A intenção moral na literatura dita infantil na escola e análise dos contos “Mutipi” e “Reis de chifre”. – Redenção, 2014.

69 f.: il.; 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientadora: Profa. Dra. Monalisa Valente Ferreira.

Inclui referências.

1. Literatura infanto-juvenil brasileira I. Título.

CDD 808.899282

MEIRILANE SOUSA PASTOR

Monografia apresentada ao curso Bacharelado em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito obrigatório para obtenção de certificado de graduação em Bacharel em Humanidades.

DATA DA APROVAÇÃO

BANCA EXAMINADORA

PROFESSORA (ORIENTADORA)

PROF. EXAMINADOR (1)

PROF. EXAMINADOR (2)

A meu Deus que me escolheu como sua filha amada e não me desamparou nem um segundo sequer. Ao meu esposo Aurelio, que durante todo esse tempo me compreendeu e me apoiou em todos os momentos em que estive ausente. À minha filha Andressa, que por inúmeras vezes ficou sem minhas intervenções em momentos cruciais para seu desenvolvimento enquanto criança e precisa muito do auxílio materno. E a toda minha família, pai, mãe, irmãs e irmãos que estiveram ao meu lado, me apoiando para chegar a esse momento tão importante.

AGRADECIMENTOS

Aos meus orientadores que me ajudaram a trilhar caminhos tão difíceis. Ao estimado Professor Doutor Manoel de Souza e Silva, pelo incentivo e apoio à minha escolha. A todos os amigos que fizeram parte desta caminhada, Fayna, Ana Clara, Cris, Sabrina, Roziléa, Helder, Tamilton, Ivanilson, Carlos, Aminata, Honorata, Kelly, Thaís, Elenice, Clécio, Wilame, Luzzyanne, e todos os outros que vieram posteriormente a somar e compartilhar conhecimento, amizade e respeito junto comigo. E finalmente, de modo muito especial, a Professora Doutora Monalisa Valente, que no momento mais difícil me amparou, e juntas demos continuidade ao trabalho, obrigada pela amizade, compreensão e sabedoria.

O livro é um lugar de papel e dentro dele existe sempre uma paisagem. O leitor abre o livro, vai lendo, lendo e, quando vê, já está mergulhado na paisagem. Pensando bem, ler é como viajar para outro universo sem sair de casa. Caminhando dentro do livro, o leitor vai conhecer personagens e lugares, participar de aventuras, desvendar segredos, ficar encantado, entrar em contato com opiniões diferentes das suas, sentir medo, acreditar em sonhos, chorar, dar gargalhadas, querer fugir e, às vezes, até sentir vontade de dar um beijinho na princesa. Tudo é mentira. Ao mesmo tempo, tudo é verdade, tanto que após a viagem, que alguns chamam leitura, o leitor, se tiver sorte, pode ficar compreendendo um pouco melhor sua própria vida, as outras pessoas e as coisas do mundo. (Ricardo Azevedo)

RESUMO

Este estudo trata sobre a literatura infantil e suas concepções, mediante análise de dois contos: “Mutipi”, narrativa advinda de Moçambique, coligida por Henri Junod e “Reis de Chifre”, conto popular brasileiro. O presente trabalho tem como objetivo precípua analisar a intenção moral em narrativas de tal porte e observar, na Educação Básica, se permanece a utilização de tal viés de cunho pedagógico e moralizante na contação de histórias daquela natureza para crianças. Desse modo, a partir de observação da prática da leitura em escolas de rede municipal no Maciço do Baturité, suscitou a necessidade na pesquisadora de conhecer as motivações de professores aplicarem adaptações/mudanças nos textos literários. Assim, além de observar as questões morais e lúdicas nas narrativas de origem oral nos contos acima especificados, temos o intuito de repensar as práticas de ensino e de aprendizagem de leitura de obras literárias. Para essa investigação, realizamos pesquisa bibliográfica, com a utilização de teóricos que versam sobre a temática, tais como Ricardo Azevedo, Nelly Novaes Coelho, Maria Cristina de Gouvêa, Cristiane Madanêlo. Também aplicamos questionário para professores em três escolas da rede municipal de Redenção, Acarape e Barreira, com o objetivo de verificar aquela inserção da contação de histórias pautada em textos literários em sala de aula para crianças da faixa de 02 a 05 anos. Assim, pretende-se como resultado entender as motivações e ressignificar os espaços de aprendizagem e do gosto pela leitura, como movimento lúdico e de conhecimento de mundo.

Palavra-chave: Literatura Infantil – Contos Africanos – Contos Brasileiros – Intenção Moral

Sumário

INTRODUÇÃO	11
I - Literatura Infantil ou Literatura para Crianças: a leitura adaptada	15
II O conto e a intenção moral	20
2.1 “Mutipi” e “Reis de Chifre”: o humor e a finalidade pedagógica em contos populares africano e brasileiro.....	20
2.2 Cotejo entre os contos e os desdobramentos dos discursos de narrativas de fundo moral na inserção de Literatura nas séries iniciais.....	23
III Da aplicação e análise do questionário	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43
ANEXOS	45

INTRODUÇÃO

As narrativas orais que permitiram posteriormente a classificação nos compêndios literários como *conto popular* provavelmente advém da antiguidade e o desdobramento do gênero, com suas variantes, percebe-se até à modernidade. O conto popular pode ser denominado como “*narrativa de expressão oral, na forma de relatos lendários, efabulados ou imaginados, tem a sua origem no povo anônimo e pertence a um patrimônio universal e intemporal*” (DOLORES, 2009, p.73).

Muito utilizado em salas de aula nas séries iniciais, percebe-se que paralelo ao primeiro incentivo ao gosto e hábito da leitura pelos professores no intuito de moralizar seus alunos, pois costumeiramente pode-se encontrar lição moral nos contos populares, casos de exemplaridade, punições às más criaturas, ao mau-caráter por parte de algum personagem ou alguns personagens contra o protagonista da história. Esta tem sido a literatura mais aproveitada por parte dos educadores, como uma forma auxiliar do ensino. Em um contexto tão complicado, esse pode ser um dos meios de repassar valores vigentes, na tentativa de assegurar certezas e manter a ordem em um mundo fragmentário. A educação e a formação do leitor nesse mundo têm sido o desafio dos professores que não sabem como lidar ou se apropriar nos novos tempos do imediatismo dos meios midiáticos.

O prematuro e o instantâneo têm apresentado leitores diferenciados que não se entregam a uma leitura mais aprofundada e demorada, dada a velocidade das informações e a atração imagética dos meios de comunicação e de leitura modernos. Como afirma Vera Maria Tieztmann¹, isso se apresenta como um dos fatores culturais que tem interferido na formação dos novos leitores. “[...] os livros de aventuras que seduziam a imaginação de seus pais e avós parecem fastidiosos de tão longos. (SILVA, 2009, p.38)”. Ou seja, tudo que for aparentemente rápido e fácil é o

¹ SILVA, Vera Maria Tieztmann. *O livro e a formação do leitor: da obra juvenil à obra para adultos*. In: **Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura**. -2. ed. –Goiânia: Cãnone Editorial, 2009.

que mais interessa. Diante disso, a escola vivencia suas crises e a tentativa de contínuo embate entre o cristalizado e o fluido, entre a permanência do antigo e a atração dos jovens pelo novo. Os embates entre a tradição e a inovação não são recentes, sempre existiram. E o que classificar como recente ou novo? Se pensarmos em narrativas orais, de tempos imemoriais e que possuem seus atrativos ainda na contemporaneidade. Entretanto, ao pensarmos na escola novamente, como se fazer uso da leitura oral sem perder a matriz? Sem deturpações ou pré-conceitos? A pesquisadora deparou-se com tais elementos ao vivenciar, em sua profissão, a maneira como professores utilizavam-se da hora da contação de histórias para transfigurar a narrativa, entretanto aquilo que seria um ato primeiro de fruição, de incentivo das crianças no mundo imaginário, torna-se cena de temor, de aspectos moralizantes muitas vezes com as histórias distorcidas, retorcidas que se esconde sob a capa do lúdico. Diante da observância daquela hora com a prática de uma lição e mudanças na história para satisfazer o propósito pedagógico dos professores, pensamos em abordar nesta pesquisa noções referentes à chamada Literatura infantil, discutindo inclusive as motivações de classificação desse gênero, bem como os contos populares e a intenção moral presente neles ou suscitados pelos próprios professores em sala de aula.

O curso escolhido para a graduação permitiu enveredar por aqueles temas que já me instigavam, uma vez que o Bacharelado em Humanidades é composto de dois ciclos: no primeiro, temos abordagens interdisciplinares, que englobam vários temas diferentes com foco na área das Humanas, e no segundo optamos por um curso específico, a escolha a critério do discente a partir da identificação do mesmo durante o processo formativo geral do Bacharelado, mediante as disciplinas curriculares. Assim, pode-se escolher um dos quatro cursos da terminalidade: Antropologia, História, Sociologia ou Pedagogia. A análise de textos literários classificados como *infanto-juvenis* ou *infantis* associa-se ao curso de Pedagogia, que trabalha mais especificamente com o público infantil e educação básica. Um público cheio de curiosidades, imaginação, que tem o dom de viajar ouvindo histórias quando bem contadas.

Existem, ainda, na modernidade, outros fatores de atração do público infantil, como a tecnologia, e se a escola, em seu papel de mediador de conhecimentos, não revisar sua maneira de incentivar as crianças pelo gosto pela leitura, pelos livros, haverá uma fissura na formação de leitores. O que está sendo ofertado hoje para as crianças da rede municipal do Maciço do Baturité e será reflexo do que ou quem elas se tornarão posteriormente? A escolha do tema se deu pelo fato de perceber a maneira como a Literatura é repassada na escola, mais especificamente, Literatura Infantil, no âmbito da educação básica. Na observância do espaço escolar onde atuo, percebe-se que a maioria das vezes as histórias são repassadas de forma fria e sem atrativos, sem a criação de atmosfera de fantasia. Em outros momentos, percebe-se que no ato da contação das histórias, modificações são realizadas em seu conteúdo, tirando a originalidade, interferindo no teor do texto, no intuito adaptador e de transformá-lo no “politicamente correto”, tal como afirma Ricardo Azevedo (2001).

Diante daquela constatação no espaço escolar, referente à maneira como as histórias são inseridas no momento da leitura com crianças, fiquei curiosa para entender os motivos de os educadores aplicarem essa metodologia e de busca se existe maneira possível de mudanças nessa prática. Além disso, surgem as indagações: será que os livros repassados às escolas não são adequados? Ou não são apropriados à faixa etária das crianças? Qual o entendimento das escolas e das críticas literárias quanto à aceção do termo “literatura infantil”?

Após levantamento de contos, e pensando na perspectiva de análise mediante escolha alinhada à proposta de uma Universidade e de um curso que possuem como linha diretriz os trânsitos com os países lusófonos, selecionamos um texto brasileiro e outro africano para fazer um paralelo e um contraponto, com o intuito de observar semelhanças e diferenças da nossa literatura para a literatura africana, dirigidas a um público em comum. São eles: “Mutipi”, coligidos por Henri Junod, e presente em seu livro *Cantos e Contos dos Rongas* e “O rei de Chifres”, cujo texto foi transcrito por Fabiano dos Santos². Ambos serão analisados levando em conta sua intenção pedagógica e o caráter mágico e mítico dos textos. Após veremos como esses tipos

² SANTOS, Fabiano dos. **1001 histórias do Ceará: a arte de narrar e de ouvir**. III Enecult – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Bahia, 23-25 maio de 2007.

de texto são compreendidos com base em teóricos e críticos da área de literatura infantil.

A escolha daquelas narrativas poderão nos dar subsídios para uma reflexão sobre a matriz da narrativa oral, com o viés anônimo e intemporal, como bem tratou Dolores naquela definição de conto popular apresentada na abertura desse trabalho. Toca-se na atemporalidade da questão do valor moral e perfila a esteira da contemporaneidade na prática da leitura nas escolas de educação básica,

Para melhor organização, dividimos o texto em três partes. Na primeira, visamos tratar da concepção sobre literatura infantil desde a antiguidade até os dias atuais, para compreender esse processo de mudanças. Tratamos das adaptações dos textos e do uso da intenção moral como fim de exemplar o leitor e/ou transmitir valores já definidos ou sistematizados pela sociedade de um modo geral, ou aquela cujo o conto popular originou-se. Na segunda parte, temos a apresentação dos contos “Mutipi”, coligidos por Henri Junod em Moçambique e “Reis de Chifre”, trazido a luz na pesquisa de Fabiano dos Santos. Em seguida o cotejo entre os contos e os desdobramentos dos discursos de narrativas de fundo moral na inserção de literatura nas séries iniciais. Na terceira parte, temos a apresentação dos questionários aplicados a professores do ensino básico público municipal de 03 municípios da região do Maciço de Baturité com o objetivo de entender a permanência de algumas práticas observadas pela pesquisadora naquelas escolas e a análise das respostas dentro do contexto da pesquisa.

Apontaremos, portanto, no capítulo introdutor desse estudo a concepção de literatura infantil e a aplicabilidade da leitura na escola diante de noções referentes à adaptações durante o ato de contação das histórias a fim de inserir a intenção moral.

I - Literatura Infantil ou Literatura para Crianças: a leitura adaptada

Os autores da literatura infantil, cientes do fascínio que essas histórias conservam, vêm delas fazendo releituras em que ora imitam o padrão de sua construção narrativa, ora reprisam sua temática, ora ainda, subvertem esses padrões, provocando o riso e a reflexão crítica (SILVA, 2009, p.72)

A literatura passou a ser tratada como infantil a partir do século XVII, quando houve uma remodelagem no ensino e a fundação do sistema educacional burguês. Para muitos estudiosos, antes não havia uma literatura específica para crianças. Foi a partir daquele período que começou a se pensar em livros para o público infantil, entretanto, possuíam o tom de instruir no sentido pedagógico, como instrumento complementar ao ensino.

Na atualidade, o mercado do livro aumenta para atendimento daquela intenção pedagógica, com obras literárias com dois objetivos que se coadunam para o público infanto-juvenil: aguçar a fantasia e, ao mesmo tempo, incorporar aspectos didáticos e utilitários. Entretanto, essa não seria uma concepção moderna, pois advém da Antiguidade Clássica. A literatura deveria ter não apenas o sentido de instruir ou simplesmente de fruição e, sim, uma dupla entrada: *utile* ou *dulce*, isto é, *didática* ou *lúdica* (COELHO, 2000, p. 46) ou *docere cum delectare*, isto é, *ensinar, agradando*. (PROENÇA FILHO, 1972, p. 72).

A chamada literatura infantil demarcou as classificações de produções literárias por faixa etária. Desde antes do século XVII, a criança deveria se comportar e se vestir como os adultos, tal como as cenas de fotografia estudadas por Schapocnik nos revelam. O autor analisa os gestos e modos de crianças em algumas iconografias, com “representações de uma infância furtada ou de adultos miniaturizados” (2002, p. 480).

[...] aparentemente não havia, no período medieval, assuntos que a criança não pudesse conhecer. Os temas da vida adulta, as alegrias, a luta pela sobrevivência, as preocupações, a sexualidade, a morte, a transgressão das regras sociais, o imaginário, as crenças, as comemorações, as indignações e perplexidades eram vivenciadas por toda comunidade, independentemente de faixas etárias. Na verdade, a

criança de mais de sete anos ocupava, ao que parece, o papel de um pequeno adulto, inexperiente e frágil, incapaz de certas coisas talvez, mas já uma pessoa na vida, importante como força na família e na sociedade (AZEVEDO, 1999, p.3).

Tal maneira de se portar diante da vida no século XVII também se aplicava ao universo da leitura. Assim como os adultos, as crianças também tinham acesso aos clássicos da literatura. Entretanto, este estatuto modifica-se no século seguinte. Cristiane Madanêlo (2005) assevera que passou a haver distinções quanto ao que era próprio ao universo infantil e necessidades distintas das dos adultos, por isso a criança deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta, mas não deveria participar dela quando criança. O tom decorrente das formas literárias já classificadas para o público jovem possuía o veio moralista e de instrução para o preparo de uma vida exemplar em sociedade. Aquele tom de suscitar o campo da transcendência literária, de aspirar o imaginário se esvai na cristalização de utilidade. Tal como afirma Oliveira, “[...] a literatura infantil acaba sendo aquela que corresponde de alguma forma, aos anseios do leitor e que se identifique com ele. A autêntica literatura infantil não deve ser feita essencialmente com intenção pedagógica, didática ou para incentivar hábito de leitura. [...] O grande segredo é trabalhar o imaginário e a fantasia”³.

Maria Cristina de Gouvêa (1999, p. 13), por sua vez, analisa que a produção literária consolidou sua especificidade no século XX ao associar o texto dirigido ao público infantil a uma linguagem não realista, fundada na imaginação, compreendendo a fantasia como característica própria à criança. A autora historiciza a origem da literatura infantil no Brasil, com informes das caracterizações com cunho modelar e realista nas obras voltadas para criança, mas que, a partir da década de 1920, ocorre uma modificação nesse paradigma, com o realce para o imaginário, muitas vezes

³ In: OLIVEIRA, Cristiane Madanêlo de. “A LITERATURA INFANTIL” Disponível em: www.graudez.com.br/litinf/origens.htm Acesso em 23 de set. de 2014.

com elementos zoomórficos e antropomórficos. Nessa constituição, Gouvêa informa que, nessa busca do imaginário afastado de situações corriqueiras da realidade, a tradição oral precisaria ser revisitada ou estudada.

Ao mesmo tempo, significou recorrer a histórias da tradição oral europeia, indígena e africana como matrizes das narrativas dirigidas à criança. Tais características seriam próprias ao gênero, numa concepção que imperou por longo tempo na conformação das obras dirigidas à criança, em oposição a uma linguagem realista que seria própria às narrativas endereçadas ao leitor adulto. (GOUVÊA, 1999, p.14)

Tais questões referentes à narrativa oral, africana ou brasileira, possuem aquela perspectiva apontada pela autora quando se distancia do sentido realista, e várias nuances mágico-mítico aparecem, tal como o chifre na cabeça do rei e as duas penas na cabeça de Mutipi. Elementos esses que revelam situações dos personagens voltados a soluções ou conflitos, mas solucionados pela veia do maravilhoso, da magia, no qual a suposta realidade é apenas adendo.

Um dos precursores da Literatura infantil no Brasil foi Monteiro Lobato, com a marca inaugural, conforme destaca Gouvêa (1999, p. 14), desse tipo de representação com a obra publicada em 1921, ‘A menina do Nariz Arrebitado’...”. Lobato faz uma ruptura ao transformar os textos tradicionais dando novo rumo à literatura infantil: *“Lobato irá dialogar com uma representação da criança como caracterizada por uma inteligência viva e questionadora...(pág.21)”*(GOUVÊA, 1999, p. 14).

Atualmente, a confusão é muito grande. Em geral, uma das atitudes (literária ou pedagógica) tem predominado sobre a outra. Daí os excessos e os equívocos que proliferam em certas produções infantis mais recentes que no lugar de serem divertidos, como se pretendem, são tolos e maçantes, ou então, são fragmentados e sem sentido. Para Tavares⁴, “a literatura para crianças é na sua essência a mesma destinada aos adultos, no entanto sua concepção é muito mais simples. É preciso explicitar que a simplicidade aqui não é vista como pobreza cultural ou menos valiosa que a literatura

⁴ TAVARES. Literatura infanto-juvenil no ensino público: formação de novos leitores. Publicado em 10 de fevereiro de 2011 em [Literatura](#), Disponível em webartigos. Acesso em 16 set. de 2014.

destinada aos adultos, e sim utilizada como um recurso (estilo) literário”⁵. Entretanto, as obras sob a alcunha de literatura infantil são geralmente sobrecarregadas de informações que, despidas de fantasia e imaginação, em lugar de atrair o jovem leitor o afugenta. Talvez falte em alguns escritores aquele “recurso (estilo) literário”. No tocante a Monteiro Lobato, anteriormente citado, ele conseguiu na década de 1920 unir os desvãos do imaginário à informações, a lendas, a narrativas orais, a narrativas da tradição escrita.

Segundo Azevedo⁶, a literatura infanto-juvenil faz o jovem leitor ser introduzido às abordagens dos temas humanos da vida concreta. Portanto, o contato com a literatura deve ser feita imprescindivelmente sem reservas. Observamos, seguindo a esteira dos teóricos estudados, que não há um conceito conclusivo, estático do que seja literatura infantil. Há na verdade vertentes com defesa da divisão desse tipo de literatura daquelas que defendem ser para o público adulto, com o intuito de elaboração de textos para criança e outros que acreditam que essa prática diminui o valor do texto literário, por tudo se tratar de literatura e o acesso a ela deveria ser livre, independente de faixa etária. Professores da rede pública também possuem seus embates quanto à classificação. Ao serem questionados sobre isso, muitos tendem a defender o posicionamento de que realmente as adaptações são necessárias para atender ao público infantil e, por outro lado, há quem acredite que essa forma de trazer a literatura inibe a imaginação e a criticidade a ser desenvolvida.

Adaptações foram sendo feitas em alguns textos clássicos, ao longo dos anos, seja para adequá-los a uma linguagem mais acessível às crianças, seja para amenizar alguns fatos que podem ser chocantes demais para as mesmas. Em alguns casos, pode dar certo, em outros, constata-se a criação de textos sem nenhum atrativo, sem aquele teor de magia e fantasia.

⁵ TAVARES. Literatura infanto-juvenil no ensino público: formação de novos leitores. Publicado em 10 de fevereiro de 2011 em [Literatura](#). Disponível em webartigos. Acesso em 16 set. de 2014.

⁶ AZEVEDO. Aspectos instigantes da literatura infantil e juvenil. Disponível em www.ricardoazevedo.com.br. Acesso em 16 de Set. de 2014. Pdf.

Ao realizar uma pesquisa com alguns professores de escolas públicas municipais a esse respeito, percebemos a dificuldade que há nas escolas de se trabalhar com Literatura, aliada a não liberdade de escolha dos professores quanto aos livros que irão utilizar, uma vez que a maioria das escolas recebem livros pré-escolhidos do Ministério da Educação (MEC), cabendo aos docentes meramente a seleção dentre os enviados. Desse modo, a partir de observação da forma como a leitura era realizada em escolas de rede municipal no Maciço do Baturité, suscitou a necessidade na pesquisadora de conhecer as motivações de professores aplicarem adaptações/mudanças nos textos literários.

Assim, além de observar as questões morais e lúdicas nas narrativas de origem oral nos contos “Mutipi” e “Reis de Chifre”, temos o intuito de repensar as práticas de ensino e de aprendizagem de leitura de obras literárias. Também aplicamos questionário em três escolas da rede municipal das cidades Redenção, Acarape e Barreira, com o objetivo de verificar aquela inserção da contação de histórias pautada em textos literários em sala de aula para crianças da faixa de 02 a 05 anos. Pretendemos, portanto, entender as motivações de os professores adaptarem as histórias, inserindo aconselhamentos ou lição de moral, bem como repensar os espaços de aprendizagem e do gosto pela leitura, como movimento lúdico e de conhecimento de mundo.

II O conto e a intenção moral

2.1 “Mutipi” e “Reis de Chifre”: o humor e a finalidade pedagógica em contos populares africano e brasileiro

“Mutipi” é uma narrativa moçambicana, inserida como conto popular e, por isso, diante das peculiaridades dessa classificação, na qual a oralidade é marca premente, há dificuldades de localização de autoria e datação.

Susana Dolores Machado Nunes, em seu livro “*A Milenar arte da oratura angolana e moçambicana*”, faz um apanhado sobre a vida de Henry-Alexander Junod, suíço nascido em 1863⁷ que coligiu os contos e cantos rongs onde se encontra “Mutipi”. Em 1889, vai para a região Sul de Moçambique (Rikatla e Lourenço Marques) onde fica até 1896, como missionário da Igreja Presbiteriana de Moçambique, geralmente designada por Missão Suíça, conforme afirma a biógrafa. Nunes afirma que “Na apresentação da obra **Usos e costumes dos bantu**, de Henri Junod, é referido o valioso contributo de Junod ‘*registrando com toda a minúcia o que considerou serem as raízes de um povo*’, numa época bastante conturbada no sul de Moçambique”. Portanto, segundo a autora, Henri Junod fez um apanhado etnográfico da vida destes povos, incluindo também o modo que estes se colocavam diante da contação dos contos classificados como narrativas populares, no qual se inclui “Mutipi”.

O conto “Mutipi” inicia-se situando uma mulher e um homem recém-casados e ela estava grávida, mas a narrativa transcorre logo após esse dado com o informe de que a fome assolou o país e os dois saíam juntos a colher grandes frutos no mato. No relato há uma ênfase quanto ao tamanho do fruto. “*Um belo dia a mulher foi sozinha e encontrou o Leão-Homem*”. Esta é a primeira vez no texto que aparece algo fora do comum, ou seja, um ser metade gente, metade bicho, “*recurso típico tanto do discurso poético como do pensamento mítico*”.⁸ O personagem Leão-Homem havia agarrado uma gazela e quando a mulher viu aquilo, implorou que a entregasse e, em troca, daria a sua criança quando nascesse. Ele concordou imediatamente, e foi

⁷ Nasceu em Neuchâtel numa família de pastores.

⁸ AZEVEDO. Aspectos instigantes da literatura infantil e juvenil. Disponível em www.ricardoazevedo.com.br. Acesso em 16 de Set. de 2014. Pdf.

embora. A mulher colocou a gazela em seu cesto e voltou para casa. Neste momento, um trato foi feito entre ela e o leão-homem. O marido, ao vê-la, pergunta-lhe pelos frutos e ela diz que não trouxe, mas, em substituição conseguira uma gazela, e pede-lhe que a corte. Mas, não fala nada pra ele a respeito do trato que fizera. Diz apenas que recebeu do leão.

O bebê nasce com algo singular: “*Quando nasceu trazia duas penas na cabeça mas ninguém as via; eram invisíveis* (p. 92)”. Este é o segundo momento da narrativa que aparece algo mítico. Este é um método bastante comum, usado em contos, principalmente contos populares, que são recontados, reinventados. Cheios de fantasia e mistério. Eles levam o leitor a viajar no mundo da imaginação e da subjetividade. Um recurso considerável que influencia as crianças, auxiliando no seu desenvolvimento, criatividade e o pensamento crítico.

No transcorrer da narrativa há o momento em que o Leão-Homem vai em busca da criança, para a efetivação do trato realizado, mas aquele personagem mítico aparece travestido em homem para entrar à aldeia. E disse ele à mulher: “*traz-me a criança que me prometeste*” (p.92). Neste momento, a mulher informa que o menino ainda precisaria crescer mais, “endurecer”, e pede para que o Leão-Homem voltasse depois. Ele foi embora, mas após alguns dias volta à aldeia e a mulher diz que o menino tem que crescer um pouco mais, para que ele possa levá-lo. E assim vai se escusando de cumprir com o tratado feito. Quando o antagonista retornou novamente, a mãe da criança não dera mais desculpas: diz que vai entregar a criança, mas antes coloca comida para o filho e chama-o, enquanto isso, o leão fica à espreita ao pé da palhota. O garoto estava brincando e responde ao chamado da genitora, mas antes de ir interroga pela primeira vez suas penas. Elas mandam que ele se transforme em rato, e isso acontece. Ele faz sua refeição, enquanto o Leão-Homem tenta espantar aquele ratinho, mal sabendo que era sua presa.

O Leão-Homem questiona a devedora informando não ter visto o garoto e ela faz outra tentativa para entregar Mutipi. Agora o sinal será um cordão de missangas que colocaria no pescoço do garoto. Ela manda que ele apascente as cabras e coloca o cordão. Ele novamente, como da primeira vez, consulta suas penas, e elas determinam que ele distribua as missangas entre os outros pastores, na intenção de

confundir seu perseguidor. Deste modo, todos afirmam serem Mutipi, e o Leão-Homem mais uma vez vai embora sem levar o menino.

Assim são várias as situações em que há tentativas de captura e momentos mágico-míticos que favorecem o garoto, graças ao estigma – penas invisíveis – na cabeça, seu aliado. Penas que funcionam como aliadas com poder de reverter situações embaraçosas durante a vida do protagonista, inclusive com a reversão da dívida da mãe no sentido que a própria torna-se vítima de sua proposta em sua última tentativa em cumprir o trato quando cobrada pelo Leão-Homem: depois de preparar mais uma armadilha para o filho, as penas fazem uma sugestão ao menino incutindo o antagonista ao erro, e na confusão agarra a mulher ao invés do garoto. Pode-se interpretar essa passagem como a punição que ela recebe.

Mutipi resolve, por estar naquele momento sem a mãe, ir embora. É notável a invisibilidade do pai durante as ações da narrativa, com pequenas referências ao mesmo em poucas passagens. Passa por várias dificuldades, mas supera os obstáculos, mediante a consulta às penas, que o aconselha sempre de maneira favorável. Temos neste conto diversos elementos mágicos, usados com o propósito de defender Mutipi dos perigos que surgem. Primeiro para fazê-lo escapar de ser entregue ao Leão-Homem como pagamento à promessa feita por sua mãe, depois dos inimigos que o invejavam por ser um garoto esperto. Ele nasceu com o estigma da perseguição, mas há um atenuante que o salva das situações mais drásticas.

No conto “Reis de Chifre”, há também a marca, o estigma presente: na narrativa aparece um rei com um chifre na cabeça, disfarçado pelo seu cabelo. Ele tenta esconder a todo custo, mas não pode escapar de seu cabeleireiro que mantivera o segredo até a morte. Após muito tempo, encontra outro cabeleireiro que faça o serviço, mas pede que o rapaz jamais conte a ninguém, ameaçando-o de morte caso revelasse. O rapaz passa a viver na angústia daquele segredo, mas não poderia cometer o erro de contar a ninguém. A saída que ele encontra para desabafar é cavar um buraco, entrar e gritar que o rei tinha chifre. Depois tampa o buraco e vai embora. Passados alguns anos e o segredo permanecia escondido, até que um certo rapaz, andando pelas matas, encontra uma moita admirável. Retira dali uma vara e

cria um pife, cujo som produzido era semelhante ao grito que o cabeleireiro soltara do buraco: “reis tinha chifre”. O segredo que acreditavam estar bem escondido, foi revelado. O rei não acreditou no rapaz, que jurou ter mantido sigilo. O cabeleireiro mostrou o que havia feito pra aliviar sua angústia e levou o rei até o local. O rei pediu que ele fizesse um pife naquela mesma hora para provar e o único som era “o reis tinha chifre”. O rei acabou convencido da inocência do rapaz, percebendo que a verdade apareceria de uma forma ou de outra. Ou seja, a narrativa revela a sua intenção moral, que no término da narrativa é exposta.

2.2 Cotejo entre os contos e os desdobramentos dos discursos de narrativas de fundo moral na inserção de Literatura nas séries iniciais

Os contos africanos geralmente fundam-se em particularidades ou marcas da oralidade e muitas vezes voltados a elementos míticos que permeiam questões de ancestralidade de seus povos mais remotos. Os contos populares brasileiros caminham pela mesma tradição e as histórias são conduzidas de maneira que o cerne principal das histórias seja mantido, embora, com a transmissão oral, algumas modificações sejam realizadas. De acordo com Gouvêa (1999, p. 15), a imaginação e as formas/ imagens que ultrapassam a realidade são imperativos de uma literatura determinante para o público infantil. A realidade palpável cede lugar à “imaginação como característica relativa a uma psicologia infantil” (GOUVÊA, 1999, p.15). As situações narrativas são colocadas em dimensão maior, que foge ao âmbito da normalidade, principalmente pela adição do maravilhoso, da transmutação de pessoas em animais ou de estigmas que acompanham os personagens principais, dando um caráter risível ou trágico. Podemos verificar esses elementos nos contos “Mutipi” e “Reis de Chifre”.

Nos dois contos, citados anteriormente, temos elementos em comuns e também pontos divergentes. Em “Mutipi”, por exemplo, temos as penas invisíveis que se tornam suas aliadas para ajudá-lo a combater seus inimigos. Desde o Leão-Homem até os companheiros que o invejavam por sua sabedoria e capacidade de destacar-se.

Em “Reis de Chifre”, temos o chifre na cabeça do rei que, para ele, é um defeito e tenta escondê-lo de todos. As penas de Mutipi têm poderes mágicos capazes de transformá-lo em animais pequenos, como rato e besouro, fazendo-o escapar de situações de perigo iminente. Entretanto, no conto brasileiro, o chifre do rei não tem função mágica. Ele apenas não deseja que a população saiba deste segredo, acha desconfortante.

PROMESSA

Em “Mutipi” temos o ato da promessa. A mãe compromete-se a entregar o filho que está em seu ventre após o nascimento. Em “O Reis de Chifre”, há também o ato da promessa. O cabeleireiro promete ao rei que jamais contará seu segredo. Ambos os contos transcorrem em certos momentos em torno da promessa. A mãe de Mutipi tenta cumprir o que prometera, mas tem que lutar contra algo mais forte e mais poderoso, as penas invisíveis. O cabeleireiro também tenta cumprir sua promessa de guardar o segredo, mas a ansiedade é tanta que ele encontra uma alternativa para desabafar, cava um buraco, grita aquele segredo e livra-se da angústia de não falar.

CASTIGO

No conto de Junod, o castigo, ou justa punição, ocorre à mãe de Mutipi. Primeiramente ao tentar entregar o filho por diversas vezes sem obter êxito. Ao preparar uma de suas armadilhas, que seria raspar-lhe a cabeça e deixá-lo a dormir atrás do pai. Mutipi consultou as penas, raspou a cabeça da mãe e colocou-a em seu lugar. Quando o Leão-Homem chega, agarra a mãe em vez de Mutipi, ela grita e todos acordam. O Leão-Homem conta ao pai o que ocorrera, a promessa. Depois foge levando a mãe. Em “O Reis de Chifre, ao descobrir o segredo do *reis*, o cabeleireiro é ameaçado. Caso contasse a alguém, seria morto. O *reis* diz: “-*Pois num diga pra ninguém! Se você disser, eu mando lhe matar!*”. E o rapaz temeroso não conta a ninguém, mantém sigilo, embora desejasse fazê-lo.

COMPROVAÇÃO DA INOCÊNCIA

Depois que Mutipi perde sua mãe, ele parte e torna-se súdito de outro chefe em um país longínquo, como o de Maputo, segundo consta no texto. Lá ele destaca-se nas atividades e torna-se o preferido do chefe, causando inveja aos outros rapazes. Por diversas vezes eles tentam contra a vida de Mutipi, mas ele escapa com o auxílio de suas penas protetoras. Em uma destas vezes, eles o acusam de matar um homem, o garoto desmente e diz que não poderia adivinhar que havia um homem escondido dentro do molho de capim com uma azagaia para matá-lo. O chefe decide em favor de Mutipi e acusa os conselheiros da cidade de terem agido mal. O garoto prova ter sido acusado injustamente pelos companheiros.

Em “O Reis de Chifre”, um certo rapaz que andava pelas matas criou um pife e ao tocá-lo o som que saía era que “*o reis tinha chifre*”. Ao ouvir isto, o rei manda chamar o rapaz que cortava seu cabelo. Interroga-o para saber se ele havia revelado seu segredo para alguém; o rapaz confirma que jamais contara. O rei não acreditou. O rapaz então decide contar o que fizera. Mas ainda assim, o rei pede que o leve ao local para comprovar sua versão. Ao chegarem ao local indicado, o rei pede que o rapaz confeccione um pife igual ao do outro rapaz e toque-o. Para corroborar suas palavras, o som realmente sai “*o reis tinha chifre*”. O rei considera o que o rapaz lhe dissera e percebe que havia o acusado injustamente.

Ao final dos dois contos a situação é reestabelecida, Mutipi triunfa sobre os demais e proclama-se chefe daquele país. E em Reis de Chifre, o cabeleireiro é inocentado e o rei reconhece que “*quando uma coisa é pra ser descoberta mesmo, aparece um meio de ser descoberta*”.

Ambos são contos populares recolhidos e recontados com a intenção de exaltar a oralidade. Os dois apresentam o valor moral, o justo castigo as más ações ou à falta de caráter. Em “Mutipi” temos mais acentuada a questão da magia, da fantasia, do mítico. As penas invisíveis, a transformação do garoto em animais. Já no conto do *reis de chifre*, também temos aspectos do caráter mágico, em relação ao pife, porém mais definida a questão moral.

Gouvêa observa que “*O texto deveria não auxiliar a criança na inserção na realidade adulta, transmitindo-lhe preceitos morais, mas permitir que ela se*

evadisse da vida cotidiana, transportando-se para um universo interno ao texto”(GOUVÊA,1999, p.17). Ou seja, ela ressalta a importância do universo imaginário, criado pela criança no ato da leitura, a viagem que pode ser feita, sem preocupações com o mundo real. As lições de moral não precisam ser o ponto mais explorado, por exemplo, no ato da contação de histórias em sala de aula, mas todo o aspecto do conto deve ser explorado. Gouvêa afirma que, segundo a leitura de Robinson Crusóé, os livros deveriam ser um lugar onde as crianças quisessem morar. Portanto, se este caráter moralizante for o mais explorado e de um modo a constranger as crianças àquilo que os adultos querem, isto pode parecer desinteressante para os pequenos leitores. Algumas dessas características ainda ressoam nas escolas, algo que pode parecer não benéfico neste percurso de formação de leitores, como poderemos ver nos questionários que foram aplicados em algumas escolas municipais no interior do estado do Ceará, mais precisamente no Maciço de Baturité.

III Da aplicação e análise do questionário

Após a apresentação do contexto da pesquisa, exibe-se a metodologia do trabalho desenvolvido durante a produção deste estudo para tratamento de dados durante uma pesquisa de campo realizada junto a professores de escolas e creches públicas municipais do Maciço de Baturité, abrangendo os municípios de Barreira, Acarape e Redenção. Dez professores formados na área de Pedagogia responderam ao questionário proposto, sendo 03 da cidade de Barreira, 03 de Acarape e 04 de Redenção. Na sequência serão demonstradas as respostas dos profissionais que se dispuseram a colaborar e contribuir com este trabalho. Teremos uma divisão de questões por quadros.

A primeira questão tem a finalidade de verificar o conhecimento dos participantes sobre conceito de Literatura e Literatura Infantil.

Quadro I: Conhecimento sobre o conceito de Literatura e Literatura Infantil

SUJEITOS	RESPOSTAS
PROFESSOR A	Acredita que a literatura infantil assume um papel mais pedagógico do que literário. Fala da necessidade de compreensão entre o que é pedagógico e literário.
PROFESSOR B	Relata que a leitura cotidiana ajuda a criança no seu desenvolvimento enquanto ser humano
PROFESSOR C	Acredita que a literatura tem um papel relevante no desenvolvimento da criança. Aguçando a imaginação, os sentimentos, as emoções, fazendo-os transitar pelo real e o imaginário.
PROFESSOR D	Especifica literatura como “ <i>todos os tipos de livros</i> ” e literatura infantil aqueles específicos para o público infantil.
PROFESSOR E	Diz que a literatura tem o interesse principal de provocar “ <i>prazer estético no leitor por meio da linguagem</i> ” intensificando sentimentos e emoções e a interpretação do mundo. E a literatura infantil é carregada de encantamento a fim de despertar o gosto pela leitura. Frisa a importância de trabalhar de forma prazerosa para obter uma participação maior dos alunos e a troca de ideias.
PROFESSOR F	Fala que a literatura é toda produção de textos, e literatura infantil

	são textos dedicados às crianças e que utilizados nas escolas estimulam a imaginação e a aprendizagem.
PROFESSOR G	Afirma que a literatura tem o “ <i>poder de envolver os leitores</i> ” despertando sentimentos. Que é importante ter uma literatura de qualidade, visto que esta tem a ação de conscientizar o homem do seu papel. Amplia a possibilidade de serem leitores com uma percepção mais crítica e reflexiva do mundo.
PROFESSOR H	Acredita que a literatura é uma etapa muito importante na vida da criança, porque é da história que ela começa a imaginar e criar sonhos só dela.
PROFESSOR I	Fala que a literatura proporciona ao leitor um conhecimento amplo em relação a autores. Como também enriquecer nos leitores um conhecimento de mundo. Já a literatura infantil é utilizada como estímulo que amplia a imaginação da criança, quando introduzida em sequencia didática em sala de aula.
PROFESSOR J	Diz que a literatura transforma a realidade do ser humano, porque a mesma busca humanizar o próprio homem por meio da ação de conscientização. E literatura infantil não é diferente, pois tem a capacidade de provocar a emoção, o prazer, o entretenimento e a fantasia da criança.

Fonte: Pesquisador, 2014.

Assim verificamos que os professores tem um conhecimento do papel da literatura em sala de aula. Em todas as respostas observa-se direta ou indiretamente a relevância de se trabalhar os textos literários em sala a partir da educação infantil, iniciando com a literatura dita infantil. A maioria dos pesquisados acreditam que a literatura auxilia no desenvolvimento da criança como ser humano, portanto ela deve fazer parte de suas vidas na trajetória escolar.

Um ponto importante que foi observado é que a escola tem sido exclusivamente o ambiente de encontro entre o leitor e o livro. Como afirma Coelho⁹, “[...] *a escola é, hoje, o espaço privilegiado, em que deverão ser lançadas as bases para a formação*

⁹ Coelho, Nelly Novaes. A escola, espaço privilegiado para o encontro entre o leitor e o livro. In: Literatura infantil: teoria, análise, didática. São Paulo, Moderna, 2000, p.16

do indivíduo. E, nesse espaço, privilegiamos os estudos literários, pois, de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da língua, da expressão verbal significativa e consciente - condição sine qua non para a plena realidade do ser". Portanto como afirma o(a) professor(a) G “ é importante ter uma literatura de qualidade, visto que esta tem a ação de conscientizar o homem do seu papel” corrobora com Coelho no que diz respeito a importância desse movimento de encontro entre o aluno e a escola, livro e leitor.

Quadro II – A forma que é feita a escolha/seleção dos livros literários que serão utilizados em sala de aula e se os professores pesquisados participam desta escolha.

SUJEITOS	RESPOSTAS
PROFESSOR A	Acha “vergonhoso” dizer que a escolha não é feita pelos professores. É através da Secretaria de Educação Municipal pelo programa PAIC (Programa de Alfabetização na Idade Certa), e os professores escolhem durante o planejamento o que utilizará em suas aulas.
PROFESSOR B	Fala também que é projeto do PAIC, e diz que fica como grande tarefa do professor selecionar e organizar os livros que serão utilizados. Significando que o professor precisa pesquisar criteriosamente e antecipadamente o que vai trabalhar com os alunos.
PROFESSOR C	Diz que os livros são selecionados de acordo com os projetos trabalhados, objetivos propostos, valores abordados e situações vivenciadas em sala de aula.
PROFESSOR D	Fala que a seleção é feita por ela de acordo com a faixa etária e o tema a ser explorado no dia.
PROFESSOR E	Afirma que a seleção é de acordo com os projetos propostos pela escola, mas que participa da escolha dos títulos.
PROFESSOR F	Diz que a escolha é feita por secretários e diretores e só a partir daí os professores selecionam o que vão utilizar em sala de aula.
PROFESSOR G	A seleção é feita durante o planejamento e ressalta que escolher livro

	certo e adequado é um desafio, pois é através dessa escolha que as crianças vão ter interesse ou não nas atividades propostas.
PROFESSOR H	Fala que existem vários “livrinhos de história”, que por sinal ao contá-las, canta também uma “musiquinha” ao final para complementar.
PROFESSOR I	A seleção dos livros que podem ser usados na escola é de acordo com a editora escolhida pela própria escola.
PROFESSOR J	Diz que os livros de literatura que recebem na escola são provenientes de PNBE (Programa Nacional Biblioteca na Escola),e são destinados a escola de acordo com a faixa etária dos educandos.

Fonte: Pesquisador, 2014.

Aqui percebemos o quanto a participação do professor é desvalorizada em relação à escolha dos livros que serão utilizados. Eles fazem uma seleção da seleção já feita pela escola, pela editora, pelos programas propostos pelo governo, etc. Ou seja, não há uma autonomia por parte destes profissionais nessa escolha. Para alguns, isto parece bem cômodo, já outros demonstram insatisfação ao relatarem o assunto. Questionadas sobre o modo como é feita a seleção dos livros, uma das professoras entrevistadas chega a desabafar dizendo que acha “vergonhoso” não participar desta escolha. Outras dizem que são condicionadas a trabalhar de acordo com os projetos que são propostos pela escola ou secretarias de educação dos seus respectivos municípios. Percebe-se que há um problema da não liberdade de escolha, surgindo também outro problema: a maioria das crianças que estudam em escolas públicas tem acesso aos livros apenas na escola, pois ainda não existem grandes investimentos em bibliotecas, muito menos livrarias no interior do Estado. Portanto, os leitores estão sendo formados segundo uma lógica do sistema, pois leem apenas o que é predeterminado pelo mercado, o que tem gerado leitores atrofiados e despreparados para o mundo.

Quadro III - De que maneira os professores pesquisados se classificam como leitores de livros literários

SUJEITOS	RESPOSTAS
----------	-----------

PROFESSOR A	Como “leitora ativa”. Gosta e sente a necessidade pois trabalha com isso.
PROFESSOR B	Falou sobre a importância da leitura e disse que o professor tem que melhorar a cada dia.
PROFESSOR C	Considera-se “uma boa leitora”.
PROFESSOR D	Classifica-se como “uma boa leitora”. Mas ressalta que por falta de tempo nunca concluiu a leitura de um livro.
PROFESSOR E	Fala de seu principal interesse por títulos infantis.
PROFESSOR F	Classifica-se como “apaixonada e entusiasmada com este novo jeito de aprender”
PROFESSOR G	Considera-se como “uma caçadora de novas aventuras e descobertas”. Ressalta a importância de se aprofundar no universo da leitura para melhor repassar para seus alunos.
PROFESSOR H	Fala apenas do modo como conduz a contação de histórias em sala de aula.
PROFESSOR I	Não se classifica como ótima, pois na maioria das vezes ler os livros somente para fazer a introdução na sequência didática e introduzi-la na hora do conto.
PROFESSOR J	Diz que entre o quesito bom e ótimo, classifica-se no primeiro, pois tem limitado suas leituras diárias, porém não as deixou de fazer pois necessita dela para alimentar-se.

Fonte: Pesquisador, 2014.

Nas respostas obtidas percebemos que quando perguntadas como se classificam como leitoras, a maioria se autodenomina como “boas leitoras” e que gostam principalmente de obras infantis, visto que trabalham com o público infantil. E veem como uma necessidade, apesar de não terem muito tempo para isso. Então podemos concordar que Azevedo tem razão quando fala que há um despreparo por parte dos professores para se trabalhar com literatura nas escolas, ainda em pleno século XXI. Azevedo¹⁰ diz que *“Existem provavelmente, diversos fatores influenciando*

¹⁰ Ricardo Azevedo. Livros para crianças e literatura infantil: convergência e dissonâncias 1. Disponível em www.ricardoazevedo.com.br. Acesso em 16 de set de 2014.

negativamente no processo de formação de leitores: o descompasso entre o preço dos livros e a precária condição social de boa parte dos alunos; a falta de bibliotecas e salas de leitura; a quase inexistência de livrarias; o convívio de crianças com adultos, inclusive professores, sem o hábito da leitura, entre outros”. Portanto há de convirmos que os professores precisam estar constantemente atualizados para melhor orientar seus alunos, e isto inclui o contato com a leitura daqueles que ajudarão a auxiliar o contato das crianças àquele universo. O que pode estar implícito, por exemplo, o turno de fala do professor H ao meramente informar o modo como conduz a contação de histórias em sala de aula, sem informar o seu papel de leitor.

Quadro IV- Questiona-se a respeito das modificações feitas no ato da contação das histórias, seja para adequá-las ao momento ou à faixa etária das crianças.

Item a: Qual o objetivo?

SUJEITOS	RESPOSTAS
PROFESSOR A	Afirma que é para auxiliar na compreensão e interesse do aluno. Mas diz que é preciso ter cuidado para não fugir do contexto da história.
PROFESSOR B	Diz que o objetivo é <i>“ter prazer, expressar sentimentos, ideias e emoções, desenvolver a sensibilidade artística”</i>
PROFESSOR C	Afirma que o objetivo é <i>“levar as crianças ao entendimento da história”</i> . Ressalta a importância do desenvolvimento da linguagem oral e escrita.
PROFESSOR D	Assegura que ajuda a criança a compreender a mensagem que o texto passa.
PROFESSOR E	Fala que o objetivo é <i>“proporcionar uma melhor assimilação da criança à história trabalhada”</i> .
PROFESSOR F	Diz que a finalidade é para que as crianças deem asas a imaginação e possam opinar de maneiras diferentes.
PROFESSOR G	O objetivo é <i>“possibilitar e vivenciar atividades de leitura por prazer”</i>
PROFESSOR H	Afirma que ajuda a <i>“desenvolver sua capacidade de imaginar</i>

	<i>através de histórias (gravuras, musicinhas, etc)”</i>
PROFESSOR I	Objetivos: <i>“facilitar a compreensão e o entendimento do assunto da história; despertar o interesse em ouvir a história; compreender a história para em seguida fazer o relato.”</i>
PROFESSOR J	acredita que o objetivo é <i>“adequá-la ao público alvo”</i>

Fonte: Pesquisador, 2014.

Questionadas sobre qual seria o objetivo dessas adaptações, que é o tema principal deste item, a maioria enfatiza que as adequações são necessárias para ajustar a história que está sendo contada ao momento vivido em sala, ou na sociedade, acreditam que desta forma as crianças passam a compreender melhor o contexto e determinados assuntos. Mas ficam algumas indagações, será necessário mesmo fazer estas adaptações? As crianças não são capazes de tirar suas próprias conclusões dos textos lidos? Como vemos nas respostas obtidas anteriormente, a escolha dos livros já em feita antes de chegar aos professores, e claro, elas já vem adequadas segundo a faixa etária de cada turma. Portanto, acreditamos que as crianças devem ter a liberdade de entendimento, não pode ser pré-determinado o que elas devam ou não pensar/compreender, a não ser quando elas pedem explicações, ajuda. Segundo Coelho¹¹ *“ Tudo o que acontece ao redor da criança é, para ela muito importante e significativo. Os livros adequados a essa fase devem propor vivências radicadas no cotidiano familiar à criança e apresentar determinadas características estilísticas...”*. Ou seja, nesta fase a criança está atenta a tudo, imagens, desenhos coloridos, movimentos, atitudes, tudo é aprendido, seja em casa ou na pré-escola. Por isso a importância de deixá-la à vontade para novas descobertas, claro com a presença de um adulto para auxiliar. Portanto, estas atitudes não são condenáveis, mas acreditamos que reduz muito o poder de criticidade que começa a ser desenvolvido desde a infância, neste caso segunda infância, como diz Coelho.

Quadro V- Questionamos se os entrevistados concordam ou acreditam ser necessárias as alterações/adaptações feitas nas histórias no ato da contação

¹¹ COELHO, Nelly Novaes. “A literatura e os estágios psicológicos da criança”. In: *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000, p.33

Item b

SUJEITOS	RESPOSTAS
PROFESSOR A	Não concorda,mas faz algumas alterações quando vê que não há interesse por parte dos alunos.
PROFESSOR B	Não concorda, acredita que o aluno tem que aprender por meio de diferentes linguagens.
PROFESSOR C	Concorda. Acha necessário <i>“para tornar a história prazerosa e significativa para as crianças”</i>
PROFESSOR D	<i>“Nem sempre”</i> . Acredita que os livros já estão adaptados à idade.
PROFESSOR E	Depende da turma e da história a ser contada.
PROFESSOR F	Concorda, acredita que dessa forma a criança interage com a história.
PROFESSOR G	Concorda. Acredita que isto promove o interesse pela leitura. As vezes é necessário adequá-la ao momento vivido.
PROFESSOR H	<i>“Depende, as vezes sim, mas nem toda vida é necessário,conforme seja a história”</i>
PROFESSOR I	Concorda. <i>“Pois na contação de histórias infantis se faz necessário que o professor esteja atento aos personagens que nela aparecem e procurar modificar o tom de voz no momento da fala de cada um.”</i>
PROFESSOR J	Concorda. Pois <i>“o conto deve ser oferecido ao nosso aluno de acordo com a sua maturidade e se isso não ocorrer correremos o risco de frustá-los(sic) na sua trajetória de leitores por prazer”</i>

Fonte: Pesquisador, 2014

Dando prosseguimento, neste item b perguntamos se elas concordavam com as adaptações feitas no ato da contação em sala de aula, visto que esses textos já são adequados ao público alvo há algum tempo, a pedido das editoras e do mercado. Metade acredita que são necessárias adaptações para que as crianças compreendam “o que o texto quis dizer”; a outra metade já afirma “não ser preciso”, mas concordam que isto varia de acordo com o momento vivido em sala ou a depender da história a ser contada. Alguns teóricos acreditam que isto minimiza ou limita as crianças de terem este contato entre o real e o imaginário, por exemplo, Gouvêa afirma que:

Ao associar o recurso da imaginação a uma inferioridade lógica expressa tanto na infância como nas culturas ditas primitivas, construiu-se uma representação do texto literário destinado à criança como devendo expressar e dialogar com este “primitivismo/infantilismo”. Ao invés de ultrapassar o real, questionando-o através da construção de outros universos que apontariam outros mundos possíveis, como fez Lobato, grande parte da produção literária brasileira posterior irá limitar a criança num domínio imaginário empobrecedor, relacionando a uma menoridade cognitiva. (GOUVÊA, 1999, p.28)

A questão de significação do texto e de maturidade corresponde a chave para pensar o que seria esse olhar censor de histórias, com os responsáveis pela transição de aprendizagem adaptando-as. Ou revelaria um ato de subestimar a capacidade de entendimento da criança ou ainda de possibilitar o cruzamento da criança para a “terceira margem do rio”, pensando um pouco no conto de Guimarães Rosa em que o ato de contar transcende e é possível independente de idades. O que implicaria maturidade? Cercear possibilidades outras e apresentar um mundo ora cor-de-rosa ora concreto demais? Quando o professor J concorda com as adaptações pois “o conto deve ser oferecido ao nosso aluno de acordo com a sua maturidade e se isso não ocorrer correremos o risco de frustá-los(sic) na sua trajetória de leitores por prazer”, podemos pensar que isso serviria para “O Pequeno Príncipe” ou para “Mutipi” e “O Reis de Chifre”? Os *frames* ou quadros de referências, como Ingedore Koch nomearia a função do leitor, podem estar na heterogeneidade de uma turma e o professor, ao adaptar, poderá estar contemplando uma faceta unívoca e sem brilhos.

Quadro VI – Questionamos junto aos entrevistados qual a posição dos mesmos em relação à lição de moral contida ou acrescida nas histórias, se isto inibe ou incentiva à imaginação das crianças

Item c

SUJEITOS	RESPOSTAS
PROFESSOR A	“Se inibe ou incentiva não vem ao caso”. Acredita que trazer a lição de moral para a sua vida é “uma questão exclusivamente particular individual”.
PROFESSOR B	“A criança não precisa de lição de moral”. Acredita que envolvê-las em atividades regidas por “regras bem claras” é a

	melhor maneira de desenvolver a autonomia dos pequenos.
PROFESSOR C	Acredita que incentive a imaginação das crianças. Que aos poucos entenderá o certo e o errado. <i>“A adoção de valores que começa a ser inculcado desde cedo”</i> .
PROFESSOR D	Afirma que incentiva a imaginação da criança. Relata que ao trabalhar com um livro chamado “Bagunça e Arrumação” obteve resultados positivos. As crianças passaram a compreender as regras de comportamento com seu material em sala.
PROFESSOR E	<i>“Depende da maneira como o professor conduz esse momento”</i> . Acredita que só acrescenta.
PROFESSOR F	Também acredita que depende da situação em sala de aula. <i>“Ora incentiva, ora inibe”</i>
PROFESSOR G	Acredita que inibe. Porém em algumas situações acha necessário.
PROFESSOR H	<i>“Sim, porque nós professores somos muito imitados por eles”</i>
PROFESSOR I	<i>“Vai depender muito da forma de atuação do educador e quanto ao objetivo que ele quer alcançar”</i> . Portanto acredita que a lição de moral ajuda no desenvolvimento imaginário da criança.
PROFESSOR J	Preferiu falar do exemplo que utilizou com seus alunos. Disse que <i>“a história da Iracema não foi lida para os alunos do inf. II e III porque eles estão começando a introduzir-se no mundo da literatura e para eles essa história não vai despertar nenhum prazer...”</i> .

Fonte: Pesquisador, 2014

Segundo os relatos dos entrevistados, percebemos que a maioria responde que depende da situação vivenciada no momento em sala de aula. Este momento é tomado como exemplo para que seja inserida a lição de moral para as crianças. Lição ou exemplaridade do que deva ser “politicamente correto”, que pode estar explícito ou implícito em alguns contos das Literaturas Brasileira e Africana. Como, por exemplo, em “O Reis de Chifre”, em praticamente toda a narrativa o “reis” tentava esconder seu chifre e ao final a verdade aparece de uma forma inesperada, ou seja a “moral” da história aparece. Em “Mutipi” temos também em toda a narrativa a

questão moralizante ou o “justo castigo” para aqueles que tentassem atrapalhar a vida do garoto. Para além do sentido moralizante em ambas as narrativas citadas, há o caráter lúdico, risível que o leitor acompanha diante das peripécias dos protagonistas diante da célula dramática. Mas o que se perderia ao seguir o preceito do professor C que informa a necessidade da intenção moral ao ler a história, adaptando-a, uma vez que visa “*A adoção de valores que começa a ser inculcado desde cedo*”.

Se a intenção moral com tons de exemplaridade, de advertência deve ou não ser usado em sala de aula pelos educadores, é um questionamento ainda longe de alcançar um consenso e que percebemos nas respostas dadas pelos docentes. Há teóricos e críticos de literatura infantil que acreditam na aplicabilidade de uma intenção moral na história ou a realização de adaptações no ato de contar para que as crianças comecem a aperfeiçoar seu caráter; outros acreditam que não há necessidade pois a criança já tem a capacidade, mesmo sendo tão pequenina de fazer sua própria interpretação a respeito do que ouve e do que vê.

Aquele “justo castigo” citado anteriormente foi percebido pela pesquisadora em sua observação dos professores que contavam as histórias às crianças das séries iniciais como algo que poderá ser evitado se elas comportarem-se e agirem diferente das ações dos personagens. As regras sobrepõem-se ao estímulo à imaginação? A professora D, ao responder a pergunta referente ao Quadro VI ao mesmo tempo que informa incentivar a imaginação de seus alunos relata que obteve bons resultados com o uso de um livro, “*Bagunça e Arrumação*”. Segundo a mesma, as crianças passaram a compreender as regras de comportamento com seu material em sala.

A professora A, também na resposta à pergunta registrada no Quadro VI, ao informar que “*Se inibe ou incentiva não vem ao caso*” revela em seu discurso a despreocupação quanto ao sentido literário e do papel da literatura como agente transformador do sujeito e também de suscitar o desenvolvimento da imaginação do aluno. Ao complementar com a frase que trazer a lição de moral para a vida da criança ser “*uma questão exclusivamente particular individual*”, traduz o sentido do próprio ato de contação de história em sua prática profissional. A pesquisadora surpreendeu-se, por exemplo, em suas observações dos momentos da leitura de

histórias para a criança a postura gestual dos docentes ao, por exemplo, em dedo em riste, dizer “viu o que acontece?” Ou seja, “o justo castigo”!

Assim, para ressignificar histórias, suscitar a imaginação e despertar o gosto pela leitura o professor precisará ir além do emblemático mundo exemplar, não transformando a literatura em algo modelar, mas capaz de transfigurar a realidade posta. O ato de subestimar as crianças ou de pensar em uma esfera sempre da *ordem*, da moral, não confiando na capacidade cognitiva delas e nas possibilidades de, diante do conflito, estarem melhor preparadas para os desafios e adversidades futuros, poderá ir a contrapelo de sua função no magistério. Tal como afirma Azevedo, reduz a capacidade de desenvolvimento crítico das crianças: *“Se de fato, óbvia e indiscutivelmente, existem diferenças entre adultos e crianças, separá-los em dois mundos distintos com contornos claros parece-nos uma idealização precária e redutiva, bastante afastada de qualquer coisa que se possa chamar realidade”*.

Por fim, ao retornamos a observação de Gouvêa citada em outro momento desse trabalho, que *“O texto deveria não auxiliar a criança na inserção na realidade adulta, transmitindo-lhe preceitos morais, mas permitir que ela se evadisse da vida cotidiana, transportando-se para um universo interno ao texto”*(GOUVÊA,1999, p.17), pensamos que as escolas podem utilizar-se das literaturas lusófonas, brasileira e africana, contos que trazem dois aspectos discutidos ao longo dessa pesquisa: o lúdico e a intenção moral, com relevo para a imaginação, para aquele “universo interno da obra”, cumprindo a estética literária, transfigurando o real e ressignificando a vida. “Mutipi” e “Reis de Chifre” podem ser – com trabalho pertinaz do docente comprometido com a educação plena, ultrapassando as imposições mercadológicas do mundo livresco e da lista de livros enviada às escolas e selecionada previamente para o docente apenas executar – usados nas escolas. Recupera-se o lugar da forma breve, da modalidade do conto popular, da memória coletiva que, embora coligida e transformada em escrita, traz em seu cerne marcas profundas do oral e da ressonância que liga tempos imemoriais. Reiteramos que “Mutipi” e “Reis de Chifre” apresentam o valor moral, o justo castigo as más ações ou à falta de caráter. Em “Mutipi” temos mais acentuada a questão da magia, da fantasia, do mítico. A transformação de homem em animais, os estigmas, as penas

invisíveis, as peripécias de um garoto, de um homem que se aventura, é perseguido, mas consegue desvencilhar-se como um Tom Jones, de Henry Fielding. Já no conto “*Reis de chifre*” também temos aspectos do caráter mágico, em relação ao pife, porém mais definida a questão moral. Mas em ambos o lúdico, o humor, tal ainda como o citado Fielding construiu suas narrativas, embora com gênero diferente e época demarcada. O lúdico e o imaginário dos contos aqui trabalhados são exemplificadores de como é possível, com trabalho pertinaz e sem acomodação do mero aceite de livros pré-determinados, o professor transformar o mundo das crianças das séries iniciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa delineou algumas noções sobre literatura infantil, contos populares e intenção moral, bem como análise de como algumas escolas de Educação Básica localizadas no interior do Estado do Ceará, mais precisamente no Maciço do Baturité, trabalham a leitura, a contação de histórias para crianças. Neste sentido tomamos como ponto de observação as adaptações das histórias realizadas pelos professores com finalidade de inserir intenção moral. Paralelo a esse caminho, mas que em determinado momento se cruzam, elegemos dois contos populares: “Mutipi”, narrativa advinda de Moçambique, coligida por Henri Junod e “Reis de Chifre”, conto popular brasileiro e que aparece na pesquisa de Fabiano Santos ao tratar de narradores de histórias. Assim, constatamos as questões morais e lúdicas nas narrativas de origem oral nos contos acima especificados.

A partir da pesquisa de campo e análise de questionário aplicado aos professores de escolas da rede municipal, verificamos que realmente existe a intenção de marcar valores morais, modelar comportamentos no uso da literatura na Educação Básica, com a permanência de cunho pedagógico e moralizante na contação de histórias, utilizando-se, inclusive, de adaptações, de mudanças no teor da história para atingir tais fins.

A pesquisa apresentada foi desenvolvida de modo satisfatório, pois proporcionou à pesquisadora momentos de leitura, análises e reflexões sobre o tema proposto, tema este que não se esgota, que pretende ter desdobramentos futuros no segundo ciclo.

O objetivo de analisar os contos populares, segundo sua intenção moral e a pesquisa em campo com os professores a fim de entender a aplicabilidade destes textos em sala de aula, foi alcançado pensando no caminho histórico que as narrativas deste porte trilharam, com suas variantes ao longo do tempo. No entanto, vimos que no universo escolar na teoria tudo é pensado e planejado da maneira correta, mas na prática não se aplica, como foi observado em alguns momentos na pesquisa de campo.

A pesquisa bibliográfica com autores, escritores, teóricos e críticos da área de literatura infantil/juvenil nos ajudou a compreender que a discussão referente ao gênero ou ao modo de aplicar no ensino vem se desencadeando ao longo dos anos. Desse modo, Ricardo Azevedo, Nelly Novaes Coelho, Maria Cristina de Gouvêa, Cristiane Madanêlo ytoxeram perspectivas que auxiliaram a fundamentação teórica.

Diante da pesquisa feita, dos relatos recolhidos, dos momentos vivenciados, percebemos que a escola precisa investir como espaço privilegiado de ensino-aprendizagem da prática de leitura. Criar um ambiente adequado, investir em pessoas capacitadas, não obrigatoriamente professores, mas também colaboradores que podem dedicar-se também à leitura e invista de forma inovadora nisso. E que isso se faça pelo prazer da leitura, como uma forma de interação com o mundo mágico, imaginário, fantasioso.

É necessário atrair as crianças para aquele mundo a fim de que estes venham a se tornar amantes dos livros, pois existem milhares de coisas que podem parecer mais interessantes e não fazem suas mentes trabalharem. Portanto concluímos este trabalho percebendo que ainda existe uma enorme necessidade de investimentos dos diversos âmbitos educacionais para promoverem a formação de leitores, dos diferentes gêneros literários nas escolas. Preferivelmente na educação básica, onde se inicia este vínculo mais próximo, entre o público infantil e os livros.

Um dos motivos para a consecução da temática de leitura observada pela pesquisadora em três escolas do Maciço do Baturité foi a verificação de mudança da história com o objetivo de inserir um tom moral para as crianças seguirem o caminho considerado o benéfico socialmente. As leituras são realizadas de acordo com projetos propostos pelas secretarias de cada município ou do estado, como foi constatado após aplicação dos questionários, e que alguns dos educadores entrevistados não se sentem confortáveis com essa situação. À maneira de cada um, eles utilizam-se de alguns meios para englobar os textos a sua realidade, talvez entendendo que esta seja uma forma de imprimir um pouco da sua vontade ao seu trabalho. Assim, os professores precisam ser cautelosos nas adaptações que realizam em sala e rever conceitos de teor moral. Além disso, criam meios de tensionar a própria possibilidade de escolha de obras a serem usadas, ter o exercício da pesquisa

possíveis de encontrar, por exemplo, contos como “Mutipi” e “O Reis de Chifre”, no exercício do lúdico e na discussão do teor pedagógico.

Portanto, concordamos aqui com Azevedo e acreditamos que existam chances de vermos essa realidade mudar, as crianças serem tratadas como pensantes, sem subestimar sua capacidade cognitiva. O incentivo à leitura de livros de literatura, seja ela sob o estigma da classificação “infantil” ou não, contos populares brasileiros e africanos, contos maravilhosos, de fadas, enfim, de todo estilo literário são medidas possíveis de serem adotadas. Que estes estejam ao alcance do público infantil.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Ricardo. *Aspectos instigantes da literatura infantil e juvenil*. In: OLIVEIRA, Ieda de (Org) **O que é qualidade em literatura infantil e juvenil - Com a palavra o escritor**, São Paulo, DCL, 2005 ISBN 85-7338-993-2. Disponível em: <www.ricardoazevedo.com.br>. Acesso em 16 de Set. de 2014. pdf.

_____. *Literatura Infantil: origens, visões da infância e certos traços populares*. In: **Presença Pedagógica**. Belo Horizonte. Editora Dimensão, Nº 27, mai/jun de 1999, p.3. Disponível em: <www.ricardoazevedo.com.br>. Acesso em 16 de Set. de 2014. pdf.

_____. *Livros para crianças e literatura infantil: convergência e dissonâncias*. Artigo escrito a partir de sua dissertação de mestrado “Como o ar não tem cor se o céu é azul? Vestígios dos contos populares na literatura infantil” apresentada em 1998 e disponível na biblioteca de Letras da Universidade de São Paulo. Disponível em: <www.ricardoazevedo.com.br>. Acesso em 16 de Set. de 2014. pdf.

_____. *Aspectos da literatura infantil no Brasil, hoje*. Publicada na Revista Releitura. Nº 15. Belo Horizonte. Biblioteca Infantil de Belo Horizonte. Abril de 2001, s/ISBN. Disponível em: <www.ricardoazevedo.com.br>. Acesso em 16 de Set. de 2014. pdf.

COELHO, Nelly Novaes. “A literatura e os estágios psicológicos da criança”. In: **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. A Literatura Infantil e o pó de pirlimpimpim. In: **Lendo e escrevendo Lobato**. LOPES, Eliane Marta Teixeira; GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. (Orgs). Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

JUNOD, Henri-Alexandre. *Mutipi*. In: **Cantos e Contos dos Rongas**. Lourenço Marques, Instituto de Investigação Científica de Moçambique, 1975, p.92-98

NUNES, Susana Dolores Machado. 2009. *A milenar Arte da Oratura Angolana e Moçambicana. Aspectos Estruturais e Receptividade dos Alunos Portugueses a Conto*

Africano. Edited by L. Eletrônicos. 1 ed. 1 vols. Porto: Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto, p. 72 - 97

OLIVEIRA, Cristiane Madanêlo de. “A LITERATURA INFANTIL” Disponível em: www.graudez.com.br/litinf/origens.htm Acesso em 23 de set. de 2014.

PROENÇA FILHO, Domício. *Estilos de época na literatura*. 3ª ed. Rio-São Paulo. Editôra Linceu. 1972.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. *Fadas Ontem, Hoje e Sempre*. In: **Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2009, cap.5, p.68-80.

_____. *O livro e a formação do leitor: da obra juvenil à obra para adultos*. In: **Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2009, cap.5, p.38-49

SANTOS, Fabiano dos. **1001 histórias do Ceará: a arte de narrar e de ouvir**. III Enecult – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Bahia, 23-25 maio de 2007. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2007/FabianodosSantos.pdf>. Acesso em 23 de abril de 2014.

SCHAPOCNIK, Nelson. “Cartões-Postais, Álbuns de família e ícones da intimidade”. In: NOVAIS, Fernando (dir.); SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, vol.3, cap.6. p.424-512.

TAVARES. Tânila Carolini Trindade. *Literatura infanto-juvenil no ensino público: formação de novos leitores*. Publicado em 10 de fevereiro de 2011. Disponível em: <http://www.webartigos.com/literatura/>. Acesso em 16 set. de 2014.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO

PESQUISA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO BHU

Prezado(a) professor, esta pesquisa é de realização da graduanda do Bacharelado em Humanidades da UNILAB, Meirilane Sousa Pastor, para fim de realização do Trabalho de Conclusão de Curso. Em momento algum haverá exposição dos seus nomes. O sigilo dos nomes dos entrevistados é assegurado. Agradecemos o apoio.

NOME (opcional)_____

FORMAÇÃO_____

IDADE APROXIMADA DE SEUS ALUNOS_____

ENTREVISTA

- 1- Comente a sua concepção de LITERATURA e LITERATURA INFANTIL.
- 2- Como é feita a escolha/seleção dos livros literários que serão usados em sala de aula? Você participa dessa escolha?
- 3- Como você se classifica como leitora de livros literários?
- 4- No ato da contação das histórias infantis, são feitas algumas modificações, sejam no intuito de adequá-las àquele momento, seja por conta da faixa etária das crianças.
 - a) Qual o objetivo?
 - b) Você concorda ou acha necessária a alteração/ adaptação da história?
 - c) Você acredita que o acréscimo de lição de moral inibe ou incentiva a imaginação da criança?

RESPOSTAS DOS PROFESSORES DE A à J

Professor(a): A

Respostas

A-1

Questão-1

Na minha percepção a Literatura Infantil hoje, assume muito mais um caráter pedagógico do que literário, porque a Literatura em si, abrange os textos para serem lidos pelos diversos grupos de pessoas, para que depois, eles recontem a maneira de cada um.

Entendo como sendo Literatura Infantil, textos escritos para crianças, cujas suas origens primárias, nem sempre tem motivos literários, mas sim, pedagógicos, enquanto educadores, mas sim, pedagógicos, enquanto educadores, precisamos distinguir a verdadeira função da literatura infantil, o que é caráter pedagógico e caráter literário. Em outras palavras desvela-se sua participação no processo de dominação do jovem, sendo vista muitas vezes, só na ótica do adulto. Pois ela transfere normas e envolve-se na formação moral do outro.

Enquanto o literário, se compromete com o interesse da criança, transformando num meio de acesso ao real, facilita a ordenação de experiências, pelo conhecimento de histórias, como também a expansão do domínio linguístico.

Questão-2

É vergonhoso dizer, mas sinceramente, não posso dá esclarecimento com mais ênfase, a única coisa que sei é que através da secretaria de educação do município, as escolas recebem as várias coleções do Programa PAIC (Programa de Alfabetização na Idade Certa) e outros livros, e os mesmos no ato do planejamento das aulas,

A-2

Os educadores utilizam-os como um dos meios de leitura principalmente na hora da história do dia, vejo na verdade, como ponto às vezes positivo, pois são livros onde a autoria e ilustrações dos mesmos, são de diversos escritores locais. Espero que isso sirva como meio de viabilizar o interesse dessa categoria em se delimitarem ao longo dos anos se tornar novos escritores e ilustradores no mundo da literatura infantil e passem a perceber a leitura também ^{como} algo prazeroso. Pois além deles viajarem no mundo da imaginação desenvolvem a oralidade, a comunicação.

Questão-3

Considero-me uma leitora ativa, pois além de gostar desse aspecto, sinto a necessidade de mergulhar constantemente no mundo das crianças, já que trabalho com a turma da educação infantil.

Diariamente levo para a sala, gêneros que estão de acordo com interesse da turma, pois acredito que estou contribuindo para a formação de futuros leitores e contadores de histórias.

Resalto que além dos livros infantis destaco também a leitura da Bíblia e outras obras literárias dos escritores como Machado de Assis, Raquel de Queiroz, José Lins do Rego, Domingos Olímpio entre outros.

Questão-4

A+3

(A) Auxilia na compreensão e interesse do aluno pela história contada, mas devemos ter cuidados para durante a contação não fugirmos do contexto, perdendo então a originalidade que a história apresenta.

(B) Não concordo e não vejo como ato fundamental, só que, muitas vezes sinto necessidade durante a contação fazer algumas alterações quando percebo que não há interesse e compreensão por parte dos educandos.

(C) Se inibe ou incoerente não vem ao caso, na minha percepção como educadora e formadora de opiniões, o importante é que, os educandos - escutem e interpretem a moral da(s) história(s) e daí façam suas análises intelectuais e psicológicas e dentro dessas concepções, baseados em seus valores morais e princípios religiosos retirem boas lições e as pratiquem no dia-a-dia, pois, a questão de defender ou não defender a moral é questão para mim exclusivamente particular e individual.

1) Num olhar mais atento sobre a literatura e literatura infantil, é preciso mostrar desde cedo as crianças como desenvolver e utilizar a capacidade de leitura de se fazer no dia a dia.

Temos, hoje, uma concepção da criança e do seu universo como sendo um conceito que se constrói para o desenvolvimento dos seres humanos.

2. É um projeto do Paic que vem para o município, e chegar na escola, fica como grande tarefa do professor, selecionar e organizar os livros que serão usados pelo educador. Isso quer dizer que o professor precisa pesquisar o que vai trazer para seus alunos criteriosamente e antecipadamente.

3. Nesse contexto o papel do professor, cada dia e melhorar para oferecer as crianças a importância da leitura na primeira etapa da escolaridade, para que elas tenham a chance de começar a desenvolver, desde cedo, as capacidades de leitura tão importantes para toda a vida.

4. Quando falamos da contação das histórias infantis, há muitos recursos dinâmicos como dramatizações, fantoches, gravuras, que vão enriquecer o seu conto. A leitura deve ser clara ^{com} entonação, mas não basta apenas ler, também interpretá-la. O professor deve procurar encantar a imaginação da criança e fazer com que tudo tenha vida e emoção, através do lúdico, as histórias encantam os ouvintes e conseguem cativá-los.

- a) ter prazer, expressar sentimentos, ideias e emoções, desenvolver a sensibilidade artística.
- b) não, contar história é educar na oralidade, este é o nosso desafio compreender profundamente o desejo do prazer da imaginação, por meio de diferentes linguagens.
- c) a criança não precisa de lições de moral, é importante envolvê-los em trabalhos criativos e sempre orientados por regras bem claras sobre sua realização, contribuindo p/ o desenvolvimento da autonomia das crianças.

1- A literatura assume relevante papel na formação do indivíduo, levando-o a ampliação de conhecimentos sobre o mundo que o cerca. A literatura infantil também tem um papel de suma importância junto as crianças, uma vez que possibilita o desenvolvimento da imaginação dos sentimentos e emoções fazendo-as viajar entre o mundo da fantasia e da realidade.

2- Os livros de literatura infantil que utilizo para os momentos da contação de história são selecionados de acordo com os projetos trabalhados, os objetivos propostos, os valores ora abordados e as situações vivenciadas em sala de aula.

3- sou uma boa leitora e gosto de ler ante de planejar para repassar para as crianças.

4-a- Levar as crianças ao entendimento da história, uma vez que elas apresentam características próprias de sua idade. O intuito é desenvolver na criança possibilidades de se expressar verbalmente nos diferentes situações do uso da linguagem oral e escrita.

É preciso também adequá-la vez por outra, a realidade do aluno procurando dessa forma torná-la mais significativa.

b- Concordo. É preciso procurar todos os meios possíveis para tornar a história prazerosa e significativa para as crianças

c- Acredito que venha a incentivar a imaginação das crianças que aos pouco começará a entender o que é certo e o que é errado a adoção de valores que começam a ser inculcadas desde cedo.

- 1.) Literatura - Todos os tipos de livros.
Literatura Infantil - São os livros mais específicos para o público infantil.
- 2.) A seleção dos livros utilizados em sala de aula são selecionados por mim. Faço a escolha de acordo com a faixa etária das crianças e o tema da aula explorado naquele dia.
- 3.) Me classifico como uma boa leitora. Por falta de tempo nunca consigo concluir a leitura de um livro por completo.
- 4.) a.) O principal objetivo é levar a criança a compreender a mensagem que o texto passa.
b.) Nem sempre é necessário haver mudanças, pois os livros já estão adaptados para a idade dos alunos.
c.) Acredito que incentive a imaginação da criança. Em minha turma de Infantil II, o estudo do livro: "Bagunça e Arrumação" de _____, surtiu um efeito positivo, pois eles tinham dificuldades em atender algumas regras de convivência, como: jogar o lixo no cesto, deixar seu material sempre em ordem, cuidar dos seus livros, etc.

Professor(a): E

E-9

- 01 - Posso dizer que a literatura tem como principal interesse proporcionar o prazer estético no leitor por meio da linguagem, e está intensifica a expressão das emoções, dos sentimentos, da interpretação do mundo, da informação, e a literatura infantil se carrega do encantamento, ou seja, despertar na criança o gosto pelos livros, e para isso é importante se trabalhar as historinhas de maneira prazerosa e favorecendo às crianças a emissão de opiniões e a troca de ideias sobre os textos apresentados.
- 02 - Geralmente a nossa escola desmistifica projetos literários para trabalhar - mas em sala, mas participamos da escolha dos títulos.
- 03 - Por trabalhar com criança me interessa mais por títulos infantis.
- 04 - a) - Proporcionar uma melhor assimilação da criança a história trabalhada.
b) - Eu acredito que conhecendo sua turma e a história irá contar, cabe ao professor decidir se necessita ou não de alteração.
c) - Depende da maneira como o professor conduz esse momento. Para mim só tem a acrescentar.

①- É produção de textos como poesia, prosa, literatura entre outros. E a literatura infantil são textos dedicados especialmente às crianças e que ajudam e é usada como um subsídio nas escolas para incentivar a imaginação, a aprendizagem do mesmo.

②- A escolha de qualquer livro é feita pelos secretários e diretores, mas os professores escolhe o que se adequa e instiga mais a criança a conhecer, imaginar e a opinar sobre o que se passa na desmontagem da história.

③- Classifico-me como uma apaixonada e estusiasmada com este novo jeito de aprender onde podemos instigar uma criança a falar o que sabe, a aprender o que não aprendeu através de uma bela e emocionante história vivenciada na imaginação de uma criança.

④ (a) Para que ela dê asas a sua imaginação e possa opinar de maneiras diferentes, afinal são diferentes formas que contamos uma história e eles têm uma história que para eles é a oficial, a original.

④ Sim, pois assim a criança poderá dar o seu final, como ele quer que tivesse acontecido. Dando assim um ponta pé para a criticidade própria.

④ Incentiva aquelas que estão sendo prejudicada por ações erradas de alguns colegas, pois daí elas vão dizer, apontar o que está acontecendo e quem está fazendo isso dentro da sala.

É inibir ações erradas dos mesmos a fazer uma reflexão dos seus atos, incentivando a não fazer mais o mesmo.

1. A literatura tem grande poder de envolver os leitores e neles despertar diversos sentimentos. Tendo consciência disso, é importante ter um olhar direcionado para o papel fundamental que uma literatura de qualidade proporciona. Portanto a literatura busca humanizar o próprio homem, por meio de ação de conscientizar, ampliando-se a probabilidade de vir a ser leitores, com uma percepção mais crítica e reflexiva do mundo.

A literatura infantil exerce um importante papel no aprendizado das crianças, uma bagagem que é levada para o resto da vida. A importância da leitura é algo que não se pode contestar, a formação do hábito e gosto por ler é algo que pode nascer conforme as experiências enriquecedoras e prazerosas que se obtêm com essa atividade. Para isso é fundamental despertar e motivar as crianças desde muito cedo. (O gosto

pela leitura contribui para a formação cognitiva, afetiva Social e cultural do ser humano, tornando-o crítico e atuante na sociedade em que vive.

Com uma linguagem apropriada, os textos infantis se propõem a instigar a imaginação das crianças e abordar conceitos morais e educativo de forma lúdica, atuando como elaboradores para um desenvolvimento psicossociaisafetivo.

A literatura infantil possibilitará o estímulo, desde cedo, ao processo de aquisição de leitura e escrita, mas ela não deve ser feita essencialmente só com intenção pedagógica, ou didática. Esse tipo de texto deve ser produzido pela criança que há em cada um de nós. O grande segredo é trabalhar a fantasia e o imaginário

2. No meu planejamento Semanal seleciono os livros adequados, que é o maior desafio quando se trata de ensinar literatura a Crianças. Saber como ensinar é essencial, mas usar o livro certo é tão importante quanto. Sem uma seleção adequada das obras, as Crianças não vão ter interesse na atividade.

3. O principal papel dos livros é ampliar os nossos horizontes. É servir de combustível para a criatividade e acima de tudo, estimular o pensamento, e melhor, a liberdade de pensamento. Eu classifico como uma esquadra de novas aventuras e descobertas, procurando sempre ir aprofundando nas histórias infantis, tendo como foco as Crianças, e tento repassar da melhor maneira para despertar o interesse delas pela leitura. Um bom ambiente elabora muito.

4. Sim

6-15

Quando estou escolhendo o livro, analiso o tamanho das letras e se a história é de fácil entendimento. Histórias fáceis e curtas são as mais adequadas, lembrando que, as ilustrações devem ser interessantes e informativas.

a) Possibilitar e vivenciar atividade de leitura por prazer.

Com isso acreditamos que é necessário oferecermos atividades diversificadas aos alunos, de modo que a possibilidade de se integrar-se no mundo literário.

b) Sim.

O trabalho com a leitura na educação infantil, é de extremamente importância, para que os alunos possam entrar em contato com diversos gêneros desenvolvendo assim o comportamento leitor e o interesse pela a leitura, sendo muitas vezes necessária a adaptação da história ao momento vivido

NA minha opinião inibe, mais
diante de certas situações muitas das
vezes se torna necessário, para
que possamos alcançar o nosso
objetivo.

1. Na minha opinião, a literatura é uma etapa muito importante na vida da criança, porque é da história que ela começa a imaginar e criar coisas só dela.

2. Bem existem vários tipos de história, que por sinal essas histórias que são pra eles no final da história, tem uma músicazinha complementando a mesma. Ex: Nome da história (Aderbal, o peixinho dourado), depois quando termino de contar, cantamos a músicazinha do "Peixe Vivo".

3. Antes de começar a história, coloco as crianças formando uma roda sentados no chão e inicio com a músicazinha.

Músicazinha: Com sapatos de veludo
Nesta sala vou entrar
É a hora da história
Nos queremos escutar

Todos, todos sentadinhos
Numa roda sem falar
Ficaremos bem quietinhos
Pra história começar!

4. Sempre não faltar alguns, exemplos dependendo da história - Ex: (As Travesuras do gato do Tico), temos que obedecer para não se machucar e outros.

4. a) Desenvolver ma capacidade de imaginar através de histórias (gravuras, músicas, etc).

b) Depende as vezes sim, mas nem toda vida é necessário, conforme seja a história.

c) Sim, porque nós professores somos muito imitados por eles.

- ① A leitura proporciona ao leitor um conhecimento amplo em relação a autores, assim como também enriquecer nos leitores um conhecimento de mundo. Já ~~na~~ literatura infantil é utilizada como estímulo que amplia a imaginação da criança, quando introduzida pelo professor em sequência didática em sala de aula.
- ② A seleção dos livros que podem ser usados em minha escola é de acordo com a editora escolhida pela escola.
- ③ Não me classifico como ótima, pois na maioria das vezes leio os livros somente para fazer a introdução na sequência didática e introduzi-lo na hora do conto.

- a) • Facilitou a compreensão e o entendimento do assunto da história;
- Despertar o interesse em ouvir a história;
 - Compreender a história para em seguida fazer o relato.
- b) Concordo, pois na contação de histórias infantis se faz necessário que o professor esteja atento aos personagens que nela aparecem e procurar modificar o tom de voz no momento da fala de cada um.
- c) A inibição ou o incentivo a lição de moral vai depender muito da forma de atuação do educador e quanto ao objetivo que ele quer alcançar. Mas de modo geral a lição de moral é uma grande ferramenta para a exploração imaginária da criança.

1. A literatura transforma a realidade do ser humano, porque a mesma busca humanizar o próprio homem por meio da ação de conscientizar. E a literatura infantil não é diferente, pois ela tem a capacidade de provocar a emoção, o prazer, o entretenimento e a fantasia da criança.

2. Os livros de literatura que recebemos na escola são provenientes do PNBE (Programa Nacional Biblioteca na Escola), são destinados a escola de acordo com a faixa etária dos educandos.

3. Entre o que sinto bom e ótimo me classifico no primeiro, pois tenho limitação as minhas leituras elas não estão acontecendo como uma rotina diária na minha vida, porém não as deixei de fazer porque necessito dela para alimentar-me.

4. Adequá-la ao público-alvo.

a) Sim. O conto deve ser oferecido ao nosso aluno de acordo com a sua maturidade e se isso não ocorrer corremos o risco de frustrá-los na sua trajetória de leitores por prazer.

Relatorei o seguinte exemplo: A história da Inacema foi lida para os alunos do 1º ano, mas a mesma não foi lida para os alunos do Inf. II / III porque eles estão começando a introduzir-se no mundo da literatura e para eles essa história não vai despertar nenhum prazer, pois eles ainda não foram alimentados o suficiente com outros contos e nem tem a vivência de mundo para compreender esse conto da literatura Brasileira.